

Entrevista com António Cunha, sonhador, gestor e diretor da Rádio Nova da Língua Portuguesa

Interview with António Cunha, dreamer, manager, and director of Rádio Nova da Língua Portuguesa

[10.29073/naus.v8i1.993](https://doi.org/10.29073/naus.v8i1.993)

Recebido: 20 de maio de 2025.

Publicado: 18 de junho de 2025.

Vanessa Cavalcanti , Universidade Federal da Bahia, Brasil, vanessa.cavalcanti@ufba.br.

Em 2020, em pleno processo de crise sanitária mundial — com todos os seus agravos —, o isolamento e a distância impulsionaram o tempo e a viabilidade de dedicação a um projeto que já estava em movimento. Sob a direção de “um português do mundo”, como ele mesmo se identifica, António Cunha geria o departamento de cultura do Gabinete Português de Leitura, com sede em Salvador da Bahia (<https://gabineteportuguesdeleituraemsalvador.blogspot.com/>). Ampliar redes, firmar alianças e fomentar encontros entre pessoas e comunidades estavam já delineadas como premissas condutoras da Rádio Nova da Língua Portuguesa (RNLP — <http://rnlp.org/>).

O nome da difusora ganhou força e marca (abaixo as duas versões: uma inicial e a outra atual). Representa em sua missão e valores o intuito de informar, circular e difundir conhecimentos, culturas e expressões diversas e variações da própria língua, que alcança rincões e continentes. “É feita por lusófonos de várias origens. Somos 280 milhões e a quinta língua mais falada no mundo SOMOS GIGANTES: na diversidade; nos ritmos; nas histórias; nas opiniões; nos sotaques!”

Imagem 1: Primeira marca, 2020.





Imagem 2: Mais votada e pensada em 2024.



Formado em gestão e integrado como trabalhador no sistema bancário em Portugal durante 30 anos António Cunha é natural de Lobito, Angola, tendo residido também no Brasil e Portugal. Locutor, curioso, idealizador e diretor da RNLP tomou o projeto como princípio educativo-social-cultural e reuniu pessoas e instituições.



Juntar expressão oral (rádio) e a proposta da NAUS, Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais (<https://revistas.ponteditora.org/index.php/naus>) acabou por reforçar ambos os meios. Projetos que versam sobre produção e circulação de conhecimento no campo das Humanidades e das Artes, as conexões são maiores do que a língua em si. Com equipas voluntárias e empenhadas, ambos tomaram um tempo para renovar e criar novas potencialidades, com fluxo e emissão contínuas e transitando entre o mundo académico e cultural.

Deste modo, o convite para essa entrevista tem tal objetivo: agregação e reunião de expectativas comuns, difusão de saberes tendo programas e projetos de atuação que envolvem educação, artes, culturas nas múltiplas variações e geografias.

NAUS — 1. Como ponto de partida, de onde vem e se sente identificado?

Sou filho de pais portugueses, mas nasci bem longe de Portugal, na linda cidade angolana de Lobito. Cidade costeira, cheia de sol e alma. Amo muito a minha terra. É também ponto de partida de uma das mais impressionantes linhas ferroviárias do mundo. Cruza o continente — do Atlântico ao Índico — e no último trimestre de 1975, Angola atravessou uma guerra civil. Meus pais, por segurança, tal como outras pessoas,

tomaram uma decisão difícil: enviar a minha irmã e eu para Portugal com intuito de proteção, pensando que a guerra iria demorar pouco tempo. Passaram mais de vinte e tal anos.

Em solo português, eu me transformei de adolescente à fase adulta. Hoje, sou pai de duas meninas lindíssimas. São o meu orgulho. A minha formação académica é quase toda ligada ao mundo da banca, sobretudo aos mercados de valores mobiliários. É uma paixão que tenho, mas é um mundo diferente daquele que nós estamos habituados. Foram quase trinta anos nesse setor. Em 2013, a minha bússola voltou a mudar e fui para Salvador, onde conheci outro universo. Apercebi-me de outro referencial, talvez pela gíngua do Axé ou pela poesia que emana naquela cidade tão plural, pelos encontros.

NAUS — 2. Como surge e qual composição da equipa da RNLP?

O projeto começou em 2019, de caráter mais local, mas em 2020, transformou-se num projeto global. Estamos agora a fazer cinco anos. Foi na Bahia que pensei o quão plural é a lusofonia. Muitos lusófonos não conhecem a diversidade e nem a riqueza daquilo que a compõe. Às vezes, são preconceituosos em relação aos outros e isso incomoda. Foi disso que nasceu o sonho, de partilhar essa imensa teia de histórias, sons, saberes, sotaques, partilhar e aprender também. Porque a partilha é mesmo isso. Ou seja, algo que unisse, nos ensinasse e, ao mesmo tempo, possamos celebrar. Então, como fazer isso? Então pensámos: porque não uma rádio? Uma rádio verdadeiramente lusófona, feita com o coração. Foi isso que nós criámos. Assim, com as vozes de cá, de lá e de outras tantas que nós descobrimos, acrescentámos a música (elemento universal) e surgiu este nosso projeto da Rádio Nova da Língua Portuguesa.

NAUS — 3. Como surge e qual composição da equipa da RNLP? No projeto inicial, a ideia era colocar elementos em conjunto, em consonância e, principalmente, de fazer difusão.

Faltava uma rádio à dimensão da lusofonia que quisesse mostrar tudo o que nos torna diferentes. Unidos numa só língua. A pandemia deu-nos tempo para pensar com calma e perceber poderíamos criar. Também nos deu tempo para convencer outras pessoas a juntarem-se ao projeto. O projeto lusófono da rádio começou a ser pensado em maio ou junho de 2020. Em agosto, a estrutura orgânica, do que viria a ser a rádio, estava pronta. Faltava alguma experiência e ferramentas de trabalho. Alguns tinham parte do que faltava, mas como o que sobejava mais era uma imensa vontade de criar, as dificuldades iniciais quase que desapareceram. Para que conseguíssemos partilhar o pouco conhecimento que tínhamos, com todos, atrasámos para o início das emissões a partir de 13 de setembro de 2020.

Criamos os primeiros programas em pequenos formatos (*spots* e chamadas para rádio), tendo estes enorme adesão do público. As pessoas adoravam ouvir a mesma palavra em sotaques tão diferentes. Foi muito interessante porque conseguíamos — com aquelas vozes distintas — mostrar a imensa diversidade na lusofonia. Não só os sotaques e os timbres, como também as expressões vieram a contribuir para que a RNLP fosse especial; como se fosse um tempero.

Do projeto inicial pensado para um evento de comemorações do Dia de Portugal, de Camões e das comunidades portuguesas, transformámo-lo em algo mais global, mais à dimensão da extensão da língua portuguesa. Foram convidadas várias pessoas e cada uma acrescentou algo.

As ideias foram se tornando fantásticas e cruciais para o projeto. Vale destacar algumas pessoas que integram o sucesso do projeto RNLP. A Cônsul-Geral de Portugal na Bahia, Dra. Nathalie Viegas. Sem as suas palavras de motivação e incentivo, talvez o projeto não tivesse sequer nascido. A professora Rita Santos, responsável pela Cátedra Fidelino de Figueiredo, Instituto Camões na Bahia, minha parceira e mentora no Gabinete Português de Leitura, teve o condão de me ajudar a acreditar em mim e neste projeto. Também sem a preciosa entrega e conhecimentos de outro fundador, o José Nunes Pereira (profissional do setor da saúde que está desde a primeira hora), talvez não existíssemos. Além disso, ele é o criador das lâminas publicitárias da RNLP, assina os programas “Contexto” (cada programa Contexto tem um fio condutor para o amor, amizade, poesia, etc.), “Palavras para



Vozes” em parceria com o ator Odilon Esteves (uma viagem pela prosa e poesia de alguns autores de língua portuguesa) e co-autor do programa Curiosidades da Lusofonia.

A Ana Consuelo foi atraída para o projeto RNLP desde a apresentação de um outro denominado “Visita aos Fortes de Salvador”, ministrado por mim a partir do Gabinete Português de Leitura. É a responsável pela divulgação das atividades nas redes sociais, onde tem conseguido milagres sem dispêndio de dinheiro. Colaborou na direção de dois programas que se tornaram referências: o “Curiosidades da Lusofonia” e o “Sintonia de Retalhos”, em parceria com o Dr. Bruno Furtado. Pela sua entrega e direção de programas únicos e de qualidade, não posso deixar de enaltecer a professora Nelma Aronia Santos. Apesar de ter criado vários programas, destaco somente duas das suas criações: O “Musica Fora do Eixo”, onde apresenta vários artistas desconhecidos do grande público, mas com imenso potencial, e o “Mulheres de Palavra” (este em parceria com a Professora Isabel Lousada e a Editora Ponte), promovendo o debate feito por mulheres, sobre assuntos diversos de alcance local ou internacional; de natureza artística, literária ou científica. A professora Nelma foi crucial ao elevar a qualidade dos programas emitidos pela RNLP a um nível extraordinário, mas mantendo a atenção da audiência.

Já a professora Sandra Rosa trouxe para a rádio um projeto muito seu, ajudando a RNLP a elaborar um programa original em toda a lusofonia: “Palavras para Imagens”, onde a áudio descrição de pinturas, fotos e outros, se tornou leve e de fácil aceitação pelo público. Apesar das suas dificuldades e restrições físicas, a partir de Maputo — Moçambique — o professor Martinho Neves demonstrou força e determinação na formação técnica da equipa da RNLP.

A psicóloga Conceição Pinho e a estudiosa da natureza Eveline Brigham criaram o programa “Poeira das Estrelas”, que explora música, poesia, histórias, lendas e tradições das diversas regiões onde lusófonos ao longo do tempo estiveram presentes.

O ativista angolano Hitler Samussuku trouxe muitos africanos para o seio da rádio. Destes, quase todos são líderes de opinião em suas áreas ou regiões. A educadora, autora e fundadora da @angolaaprende Cláudia Cassoma, organizou de forma muito profissional, a forma de apresentar programas na RNLP. A Doutora em Administração e Políticas Públicas Hilária Vianeke é a responsável pela “África em Foco”. Ela tem o dom de apresentar o continente africano de uma forma única, fora dos chavões colonialistas e europeístas e, com isso, aprendermos outra visão sobre aspirações, dificuldades e conquistas de seus povos.

O Professor Carlos Guerra Júnior trouxe o RAP (discurso rítmico com rimas e poesias) lusófono para o centro de gravidade da RNLP. É responsável por envolver estudantes na criação do “Barras Maning Arretadas”, projeto de RAP que envolve artistas de mais de vinte países.

Dos profissionais de jornalismo que colaboram com a RNLP, destacamos a baiana Doris Pinheiro, reconhecida na carreira jornalística na Bahia e autora dos miniprogramas “Um minuto Bom para Saúde” e Sulai Seide, jornalista e Editor-chefe na Rádio Capital FM, em Bissau (Guiné-Bissau). Não posso deixar de enaltecer a professora Isabel Lousada, sobretudo por nos ter trazido a parceria da Ponte Editora, pela sua atenção e apoio.

Também uma palavra de apreço à professora Vanessa Cavalcanti por estar sempre pronta para apoiar a RNLP, seja a partir de Coimbra ou Salvador. Sem a preciosa ajuda — inclusive financeira — da Arquiteta Isabel Lopes, talvez o projeto ainda continuasse a “marinar” em servidores baratos, mas sem qualquer incentivo à qualidade nas emissões.

Além dos que mencionei, há pessoas que têm participado direta ou indiretamente no apoio e incentivo à Rádio, seja através de gravações para as chamadas ou apoio na divulgação ou ideias. Ainda enalteço o Casemiro Rafic, a Constança Metzker, a Débora Karpowicz, a Antocléia Santos, o Xelter, o Tchaka, o Aleilton Fonseca, o Augusto Cordeiro, o Dão Black, a Patrícia Smith, o Guilherme Pereira, o João Costa, a Esmeralda Antónia, o Monty Silva, o Gilberto Sobral, a Hosanna Gomes, a Maria de Fátima Ribeiro, o Philippe Coutrim, a Michele de Souza, a Sandra Simões, a Selene May e a Sylvie Rodrigues. São pessoas que — estão desde o início — e são (ou foram) fundamentais no desenvolvimento de todo o processo radiofónico.



Deixo uma nota de imenso apreço ao Dr. Jorge Fonseca (também foi Cônsul-Geral de Portugal em Salvador), autor do célebre chavão da RNLP “Somos 280 milhões e a quinta língua mais falada do planeta”, bem como ao atual Embaixador de Portugal no Brasil, Dr. Luís Faro Ramos. Ambos souberam motivar e apontar caminhos.

Recordo que este todo o projeto é 100% voluntário. Posso afirmar que, dentro da equipe, há várias pessoas ligadas ao jornalismo, arquitetura, direito, docência (sobretudo universitária), de vários ramos e níveis da medicina e enfermagem, mas também terapeutas, assistentes sociais, bancários, ativistas dos direitos humanos e compõem um cenário que inclui pessoas de várias partes do mundo.

Temos mais mulheres do que homens, sendo que cerca de 65% da equipa é feminina. Existe diversidade geográfica, com vozes de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, além de vozes incríveis de Goa (Índia), e também um representante de Macau. Por enquanto, infelizmente, não temos ninguém de Timor-Leste. Alguns migrantes lusófonos participam desde a diáspora, sejam de Bilbao, Washington, Bruxelas ou Princeton. Todos com sotaques (originários ou já de assimilação com outros povos) e com histórias incríveis para nos partilhar.

NAUS — 4. Como funciona a gestão e a organização de uma rádio que está baseada em voluntariado e conexões entre pessoas vinculadas às Universidades e a setores da cultura e da comunicação?

Como tentei dizer anteriormente, a equipe é formada por pessoas de várias ocupações que trazem conteúdo de qualidade, sobretudo em temas complexos, mas abordados de forma clara. Para ilustrar isso, permita-me partilhar um exemplo: a professora Nelma Santos desenvolveu o programa “Música fora do eixo”, ou seja, um programa virado para músicos que ainda não estão no grande eixo comercial patrocinado por grandes etiquetas. São músicos fantásticos, com músicas fáceis de “ficar no ouvido”.

Talvez já tenha ouvido falar de Don Black, de Salvador, ou o Xelter, RAP de Nampula, Moçambique. Contamos com Carlos Guerra Júnior, rapper, que reúne uma série de pessoas em vários países e alunos para fazerem programas. Só por si, estes são responsáveis por atrair uma audiência significativa do mundo lusófono.

Também os professores universitários (por exemplo, Rita Santos, Nelma Santos, Sandra Rosa, Isabel Lousada, Constança Metzker, Gilberto Sobral, Aleilton Fonseca, entre outros) são gestores diretos por termos uma audiência ampla no meio universitário, com a criação de programas que têm a participação de docentes e investigadores. Os jornalistas dão um apoio relevante no desenvolvimento da comunicação. A equipe é diversificada, proativa, dinâmica e volátil.

Como disse: o José Pereira, a Ana Consuelo e eu temos assumido de forma ininterrupta a gestão das pessoas e processos da RNLP, mas há pessoas que também têm participado e muito, especialmente as vinculadas à revista NAUS como é o caso da Vanessa Cavalcanti e Isabel Lousada.

Depois há pessoas que, estando ligadas a outras entidades (como por exemplo, o Instituto Camões, o Gabinete Português de Leitura, Câmara de Comércio luso brasileira, Consulado Geral de Portugal em Salvador, Embaixada de Portugal no Brasil e Universidade Estadual da Bahia), têm dado um apoio importante, enquanto vão incluindo outras pessoas no projeto.

Como parcerias institucionais, 2025 será um marco para a associação. Antes, contámos com o apoio de representações consulares nas pessoas da doutora Nathalie Viegas e do doutor Jorge Fonseca, ademais do atual embaixador no Brasil, doutor Luís Faro Ramos. A Câmara de Comércio Luso-Brasileira, nas pessoas do Ricardo Galvão (Presidente da câmara na Bahia) e do Nuno Rebelo de Sousa (Presidente da Câmara Brasileira), nos deram um enorme incentivo.

A formalização do projeto está em fase de organização de estatutos e revisão por parte dos advogados. O objetivo é nos tornarmos o mais parecido possível com uma entidade supranacional, apesar de pensarmos que a sede se manterá em Salvador da Bahia.



NAUS — 5. Numa geopolítica sem fronteiras, a oralidade é uma expressão de Humanidade que unifica e cria vínculos. Quais audiências, quais países são destaque como ouvintes e quais experiências poderiam ser assinaladas como memoráveis nesse percurso da RNLP?

Neste momento (27/05/2025, às 18:25 do fuso horário de Lisboa) estamos com uma audiência de 3.631 pessoas. Nos últimos 30 dias, tivemos cerca de 103.168 ouvintes. Tudo isto são dados precisos do momento, obtidos a partir do nosso sistema. A maior parte da audiência é de cerca de 50% do Brasil, seguida de 11% em Portugal, outros 11% nos Estados Unidos e os restantes 28% disperso por cerca de 174 países de todos os continentes. Por exemplo, países como Argentina, México e Itália têm uma audiência média de cerca de oitocentas pessoas cada. Mas também, há países que, como a Gâmbia, Ilhas Cômoros, Sudão e Iêmen com um ou dois ouvintes. Penso que para o projeto em si, temos uma boa audiência.

Também é interessante de observar a diversidade geográfica da nossa audiência. Brasil, Portugal e os outros países lusófonos se justificam, mas quem é que são os ouvintes em, por exemplo, Myanmar, Ruanda, Bahamas, Namíbia, Benim, Brunei, Sudão e Iêmen. Mas, quem são estas pessoas? Esta é a nossa maior dúvida. Serão pessoas ligadas à diáspora lusófona? Presumo que sim. Enfim, porque nós temos uma audiência em países tão diferentes, é legítimo questionarmos a origem geográfica, social ou outra desses ouvintes.

São audiências que nos surpreendem. Como é possível que pessoas no Sudão — vivendo momentos muito difíceis — se liguem à Internet para nos ouvirem? Talvez precisem de nós para se sentirem mais próximos? Ou só para descontraírem? Enfim, sejam quais forem os reais motivos, sentimo-nos ainda mais motivados a prosseguirmos este projeto.

Óbvio que temos algumas dificuldades, como é o caso de organizar as playlists e a distribuição ao longo da emissão. Porque como muitos especialistas definiram que há horários do dia mais apropriados para se escutar um tipo de música, ou melhores horários do dia para escutarem entrevistas, ou para descontraírem.

Como temos uma audiência muito dispersa pelo globo, logo aqui nos deparamos com diversidade de fusos horários, colocando-se uma dúvida importante: como eleger uma música apropriada para hora de almoço [música mais calma] utilizando os fusos horários europeus, quando são 6, 7 ou da manhã nos fusos horários do Brasil e da costa este dos Estados Unidos? Como agendar determinado género de programas? São dúvidas importantíssimas.

Fizemos várias experiências e, sobretudo com as que não resultaram tão bem, fomos aprendendo. Observámos que para conseguirmos que a mensagem de um programa alcance o maior número de pessoas, talvez o melhor transformar os programas menores e utilizando fusos horários aleatórios. Porquê? Um programa tanto pode sair às 11 da manhã, como pode sair às 3 da tarde, como à meia-noite. Porque assim vai abranger uma maior audiência.

Aprendemos outra situação: ao invés de fazermos programas com 50-55 minutos, começamos a fazer menores (5 a 15 minutos). A informação torna-se mais compacta, mas sobretudo mais fácil de ser escutada por uma audiência mais vasta.

A nossa primeira experiência nesse setor foi com programa original (“Palavras para Imagens”, liderado pela professora Sandra Rosa), com audiodescrições de imagens, voltado para público específico. Até pouco tempo não existia mais nenhuma rádio com esta abordagem. Inicialmente, o programa foi pensado para 55 minutos. Cedo observou-se que talvez fosse demasiado pesado e resolvemos dividi-lo em pequeninos quadros. Grande parte deles tem 1 a 5 minutos e, com isso, obtivemos uma boa aceitação do público. Deste modo, não perdíamos aquela audiência que não tem paciência e mantivemos a audiência atenta. Essa linha é seguida pela Doris Pinheiro, com a série “um minuto bom para saúde”. São centenas de programas pequenos, mas que conseguem impactar com a sua informação muito condensada, mas que não cansa ninguém. Conseguimos atrair e manter uma audiência bastante vasta.

Apostamos em cocarmos no ar “visões experientes, mas de um ângulo diferente”, ou seja, a experiência de alguém em Angola é sempre diferente da experiência de alguém que vive, mesmo sendo angolano, em Washington ou em Bilbao. Apesar de terem a mesma origem, contam histórias diferentes. Com isso, conseguimos ter leituras especializadas sobre um tema, mas com outro olhar.

Temos na forja um programa de uma outra angolana, a Cláudia Cassoma, que é o “Entre Saberes”. Com este, traremos um olhar sobre a atual literatura e cultura angolana.

Outro exemplo é o “Barras Maning Arretadas”, feito integralmente por estudantes de jornalismo da Universidade Federal de Rondônia, Brasil, sobre o que se passa no mundo lusófono. Há um outro — já em edição — “Diálogos de Além-mar” sobre literaturas lusófonas na Europa, produzido pela Academia de Letras da Bahia e pela União Europeia de Escritores de Língua Portuguesa.

NAUS — 6. Do uso da comunicação social como informação e a partir de escutas mais no estilo “pocket”, a RNLP está estruturada pela diversidade de públicos, de audiências, de fusos horários distintos. Criada em contexto de intensas pressões e crise sanitária, o uso de comunicação via meio radiofónico e valorizando uma língua comum e com múltiplas variações de territórios, culturas e formas de expressão, o que move o projeto RNLP para o futuro?

Esse tem sido um projeto voluntário e pensamos que, a partir da formalização da rádio em uma entidade sem fins lucrativos, poderá surgir a oportunidade de incluir patrocinadores e concorrer aos editais públicos. Será fundamental podermos aspirar uma elevação qualitativa dos processos. Não que não haja qualidade até aqui no que temos produzido, mas com a formalização e a possibilidade de entrada de recursos, podemos aspirar a incentivar novos projetos ou retomar ideias anteriores.

Temos programas de qualidade e precisamos de apoio financeiro para alcançarmos mais meios técnicos e inserir formação de pessoas (técnicos especializados em web design e em sonoplastia). De momento, só dispomos de duas ou três pessoas com “alguma” capacidade técnica para fazer edição nessas áreas. Eu incluo-me nesses. Infelizmente há várias técnicas que eu não domino, além da formação nessas áreas ser demorada e dispendiosa. Além da organização, pensamos que é importante ter na equipa a tempo inteiro, não só para suprir as nossas maiores dificuldades técnicas, mas gerir melhor planeamento de atividades e melhor coordenação na imagem que transmitimos para o exterior.

Num mundo onde os sistemas informáticos são constantemente invadidos com objetivos tenebrosos, melhor conhecimento impacta também na escolha da plataforma de streaming, e subsequentemente, na qualidade e segurança do que transmitimos à nossa audiência.

NAUS — 7. A temática da lusofonia é vista como paradoxo, mas também como a junção de culturas, geografias e histórias que foram vividas e são cotidianamente revisitadas. De que maneira, no aspeto musical, a RNLP promove esse encontro? Não só no mundo lusófono, mas especialmente essa ideia de que a lusofonia é paradoxal, um dilema que nós vivemos do ponto de vista geográfico, histórico, linguístico. Composta de variações da mesma língua e expressões múltiplas.

É difícil, porque, sem querer, nós somos manipulados por aquilo que aprendemos. Conheço muitas pessoas que não têm o mesmo sotaque que eu e pronunciam palavras de forma diferente ou utilizavam expressões idiomáticas que eu não tenho dificuldade em alcançar. Vou colocar aqui alguns exemplos muito simples e óbvios para ilustrar.

A palavra “Rapariga” no nordeste do Brasil tem uma carga pejorativa. Já em Portugal e nos países de língua oficial portuguesa africanos, significa moça. Também o estar com a “Pica toda”, pode-se entender com “estar com energia”, mas também pode significar “falo”, não é? Cozinhar todas estas ideias, estas expressões num projeto radiofónico, é difícil quando não se está preparado para isso.



Como somos contra qualquer tipo de preconceito, no início, tentávamos ter algum cuidado com aquilo que as pessoas diziam, mas depois vimos que informar, fazendo uma explicação à parte, podia suprir dificuldades e preconceitos mais enraizados, porque esta imensa teia que compõe as várias línguas em português é o que nos dá riqueza. Óbvio que neste quesito ainda temos muito a aprender.

Como o projeto é *sui generis*, não sabemos onde é que ele nos vai levar, mas penso que, no limite inferior, iremos ficar a conhecer um pouco melhor essa imensa teia que é a lusofonia. Também desejamos que alguém de Timor-Leste se junte à equipe. Tanto Timor-Leste como a Guiné-Bissau têm o português como língua formal, mas não como língua normal de comunicação. Mas quando houver mais pessoas destes países a participarem, acho que esta nossa caldeirada de sotaques ficará ainda “mais saborosa e linda”.

Penso que cada um dos milhões de falantes e amantes do português sentem que o seu sotaque é neutro. Mas não é. Não há sotaques neutros. Ouvirmos os sotaques dos outros pode ajudar-nos a tentar perceber de que forma é que é o nosso sotaque. E isto é que torna este projeto tão bonito. É lindo descobrirmos como o “H” no Brasil tem som de “R”, enquanto em Portugal o mesmo é mudo.

Ao ouvir pessoas de países lusófonos com outras línguas ou dialetos além do português, temos de considerar que esses também influenciam outros sotaques e outras expressões idiomáticas. Mesmo em Portugal, país pequeníssimo por comparação com o Brasil, existem várias expressões idiomáticas e sotaques diferentes. No caso brasileiro, esse país-continente imenso, as variações são proporcionalmente maiores. Escutarmos estas imensas diferenças é maravilhoso. E esta é só uma das justificações do projeto RNLP. Eu acho que é fantástico. Além disso, se acrescentarmos o descobrir a história e o porquê de cada lugar, seus temperos, suas dificuldades, suas conquistas, torna este projeto algo maravilhoso.

NAUS — 8. As sonoridades permitem a aproximação e a escuta não só curiosa, mas de ter o tempo, pausas, silêncios e vozes que nos mostram as dimensões desse processo da lusofonia. Um exemplo é o spot para os “sotaques”, uma campanha específica da RNLP, transcrito abaixo e que assinala como a parceria RNLP e NAUS pode ser fortalecido e ampliando linguagens em ambos os canais de comunicação. As audiodescrições poderiam ganhar maior dimensão nos dois projetos. Por isso, a experiência do programa da Sandra Rosa tem impacto social e educativo, principalmente imaginando que a rádio chega onde nós não projetamos, academicamente falando. Porque pessoas, por exemplo, com deficiência visual, escutam sem nenhuma barreira a transmissão.

Eu começaria por dizer o seguinte, sem as Universidades, este projeto de Rádio não existia. Não basta só a ideia, entende? A ideia é fantástica, serve de gatilho. As pessoas ligadas às Universidades que participaram e participam da RNLP fizeram com que ela ganhasse uma dimensão de qualidade. Possibilitou situações experimentais e trouxe uma audiência mais atenta. Que não só questionava, mas que nos trazia mais soluções para coisas novas. A Rádio talvez não existisse sem esse apoio ou, quando muito, seria um projeto igual a tantos outros.

Como disse há pouco, após a formalização, penso que iremos conseguir abarcar áreas inéditas e gerirmos novos projetos de uma forma mais eficiente e equilibrada. Claro que precisamos de mais pessoas com perfil criativo, inovador, atento e crítico. Naturalmente, todas essas pessoas estão maioritariamente dentro do seio das Universidades à espera de uma oportunidade que o projeto RNLP lhes pode dar.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo da **NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais** é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.